



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 3 de Agosto de 2005

O Senhor protege o seu povo

Irmãos e irmãs

1. Neste nosso encontro, que tem lugar depois das minhas férias passadas no Vale de Aosta, retomamos o itinerário que estamos a percorrer no interior da *Liturgia das Vésperas*. Agora, entra em cena o Salmo 124, que faz parte daquela intensa e sugestiva colectânea, chamada "Cânticos das ascensões", livrinho de orações ideal para a peregrinação a Sião, em vista do encontro com o Senhor no templo (cf. *SI* 119-133).

Aquele sobre o qual agora nós meditaremos brevemente é um texto sapiencial, que suscita a confiança no Senhor e contém uma breve oração (cf. *SI* 124, 4). A primeira frase proclama a estabilidade dos "que confiam no Senhor", comparando-a com a estabilidade "rochosa" e segura do "monte Sião" que, evidentemente, é devida à presença de Deus que, como afirma outro Salmo, é "rocha, fortaleza, refúgio, abrigo, escudo, baluarte e poderosa salvação" (cf. *SI* 17, 3). Mesmo quando o fiel se sente isolado e rodeado de perigos e de hostilidades, a sua fé deve ser tranquila, porque o Senhor está sempre connosco. A sua força circunda-nos e protege-nos.

Também o profeta Isaías confirma que ouviu da boca de Deus estas palavras, destinadas aos fiéis: "Vou colocar em Sião uma pedra que vos ponha à prova. Será uma pedra preciosa, angular, bem firme. Aquele que nela confiar, não tropeçará" (28, 16).

2. Contudo, continua o Salmista, a confiança que é a atmosfera da fé do fiel dispõe de um ulterior sustentáculo: o Senhor como que acampou em defesa do seu povo, precisamente como os

montes rodeiam Jerusalém, tornando-a uma cidade fortificada por bastiões naturais (cf. *Sl* 124, 2). Numa profecia de Zacarias, Deus diz de Jerusalém: "Mas Eu serei para ela... como um muro de fogo à sua volta e serei no meio dela a sua glória" (2, 9).

Nesta atmosfera de confiança radical, o Salmista tranquiliza "os justos", os fiéis. A sua situação pode ser, por si mesma, preocupante por causa da prepotência dos ímpios, que desejam impor o seu domínio. Haveria também a tentação, para os justos, de se tornar cúmplices do mal para evitar graves inconvenientes, mas o Senhor protege-os da opressão: "Não durará muito o domínio dos maus sobre a terra dos justos" (*Sl* 124, 3); ao mesmo tempo, Ele preserva-os da tentação, para que "não estendam a sua mão à maldade" (*Ibidem*).

Portanto, o Salmo infunde na alma uma profunda confiança. Ajuda poderosamente a enfrentar as situações difíceis, quando à crise externa do isolamento, da ironia e do desprezo em relação aos fiéis, se associa a crise interna, feita de desencorajamento, de mediocridade e de cansaço. Conhecemos esta situação, mas o Salmo diz-nos que se tivermos confiança seremos mais fortes do que estes males.

3. O final do Salmo contém uma invocação dirigida ao Senhor, a favor dos "bons" e dos "rectos de coração" (cf. v. 4) e um anúncio de desventura contra "aqueles que se desviam por caminhos tortuosos" (v. 5). Por um lado, o Salmista pede que o Senhor se manifeste como um Pai amoroso para com os justos e os fiéis que conservam alta a chama da rectidão de vida e da boa consciência. Por outro, espera-se que Ele se revele como juiz justo diante daqueles que se desviaram pelos caminhos tortuosos do mal, cujo resultado conclusivo é a morte.

O Salmo termina com a tradicional saudação de *shalom*, de "paz a Israel", uma saudação ritmada por assonância a *Jerushalajim*, a Jerusalém (cf. v. 2), a cidade símbolo de paz e de santidade. É uma saudação que se torna um voto de esperança. Nós podemos torná-la explícita através das palavras de São Paulo: "Paz e misericórdia para quantos seguirem esta regra, bem como para todo o Israel de Deus" (*Gl* 6, 16).

4. No seu comentário a este Salmo, Santo Agostinho contrapõe "aqueles que se desviam por caminhos tortuosos" "àqueles que são rectos de coração e não se afastam de Deus". Se os primeiros forem associados "à sorte dos maus", qual será a sorte dos "rectos de coração"? Na esperança de se tornar ele mesmo, juntamente com os seus ouvintes, partícipe da sorte ditosa destes últimos, o Bispo de Hipona interroga-se: "O que possuiremos? Qual será a nossa herança? Qual será a nossa pátria? Qual é o seu nome?". E ele mesmo responde, indicando o seu nome faço minhas estas palavras: "Paz. Saudamos-vos com o voto da paz; anunciamos-vos a paz; os montes recebem a paz, enquanto a justiça se estende sobre as colinas (cf. *Sl* 71, 3). Pois bem, a nossa paz é Cristo: "Com efeito, Ele é a nossa paz" (*Ef* 2, 14)" (*Exposições sobre os Salmos*, IV, *Nuova Biblioteca Agostiniana*, XXVIII, Roma 1977, pág. 105).

Santo Agostinho conclui com uma exortação que é, ao mesmo tempo, também bons votos: "Nós somos o Israel de Deus e abraçamos a paz, porque Jerusalém significa visão de paz e nós somos Israel: aquele Israel sobre o qual paira a paz" (*Ibid.*, pág. 107), e a paz é Cristo.

Saudações

Amados irmãos e irmãs

O clima deste nosso encontro de hoje estimula-nos a viver serena e confiadamente, na certeza de que Cristo, "nossa paz", vive conosco e por nós. Saúdo com especial afeto os peregrinos de língua portuguesa aqui presentes, de modo especial os que vieram de *Portugal*, bem como um grupo de jovens do Movimento de Schönstatt e outro provindo de São Paulo, do *Brasil*. Abraço a todos com particular simpatia e, ao renovar o meu convite de nos encontrarmos em Colônia para a Jornada Mundial da Juventude, concedo de coração a minha Bênção Apostólica.

Dirijo uma alegre saudação aos peregrinos vindos dos países de expressão *alemã*. Deus é a Rocha, a nossa base sólida, mesmo quando algo vacila no nosso mundo. Permaneci firmes na fé e no amor, orientando com confiança os vossos pensamentos e as vossas fadigas rumo ao Senhor. Que Ele vos acompanhe com a sua paz. Desejo a todos vós um bom e proveitoso período de férias!

Saúdo cordialmente os peregrinos da Espanha e da América Latina, especialmente as Filhas da Paixão, os membros dos Movimentos de Schönstatt e "Regnum Christi", assim como os fiéis vindos do Chile, México e Peru. Confiantes no Senhor, aspirai à paz, anunciai a paz e edificai a paz. Vós sois o povo do Senhor e Cristo é a vossa paz.

Estendo as minhas saudações de boas-vindas aos peregrinos *polacos*. Saúdo cada um de vós aqui presentes e todos os vossos entes queridos. Amanhã celebrar-se-á a memória de São João Maria Vianney, Pároco de Ars. Pela sua intercessão, peçamos a Deus numerosos e santos sacerdotes. A Igreja de hoje tem muita necessidade deles. Deus vos abençoe.

Estimados irmãos e irmãs, agora dou cordiais boas-vindas aos peregrinos de língua *italiana*. Saúdo em particular os *Filhos de Santa Maria Imaculada*, as *Franciscanas Missionárias do Coração Imaculado de Maria* e as *Irmãs Angélicas de São Paulo*, que participam nas Assembleias Capitulares dos respectivos Institutos. Além disso, saúdo os fiéis de Campobasso, acompanhados pelo Arcebispo D. Armando Dini, e os Seminaristas da Arquidiocese de Bari-Bitonto. Convido todos vós a dardes testemunho do Evangelho com renovado impulso.

Enfim, dirijo-me aos *jovens*, aos *doentes* e aos *novos casais*. Amanhã a liturgia recordará um sacerdote muito amado pelos seus contemporâneos, e também por nós: São João Maria Vianney,

o Santo Cura de Ars. Caríssimos, o seu exemplo sirva de estímulo e de encorajamento, para que todos correspondam com generosidade à graça divina.

© Copyright 2005 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana